

Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável 2

Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco
Juliana Yuri Kawanishi
Rafaelly do Nascimento
(Organizadoras)



Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável 2

Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco
Juliana Yuri Kawanishi
Rafaelly do Nascimento
(Organizadoras)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M514	Meio ambiente e desenvolvimento sustentável 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco, Juliana Yuri Kawanishi, Rafaelly do Nascimento. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-72477-55-0 DOI 10.22533/at.ed.550191111 1. Desenvolvimento sustentável. 2. Meio ambiente. 3. Sustentabilidade. I. Pacheco, Juliana Thaisa Rodrigues. II. Kawanishi, Juliana Yuri. III. Nascimento, Rafaelly do. IV. Série. CDD 363.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A proposta da obra “Meio Ambiente & Desenvolvimento Sustentável” busca expor diferentes conteúdos vinculados à questão ambiental dispostos nos 61 capítulos entre volume I e volume II. O e-book conta com uma variedade de temáticas, mas tem como foco central a questão do meio ambiente.

As discussões sobre a questão ambiental e as novas demandas da sociedade moderna ganham visibilidade e despertam preocupações em várias áreas do conhecimento. Desde a utilização inteligente dos recursos naturais às inovações baseadas no desenvolvimento sustentável, por se tratar de um fenômeno complexo que envolve diversas áreas. Assim a temática do meio ambiente no atual contexto tem passado por transformações decorrentes do intenso processo de urbanização que resultam em problemas socioambientais. Compreende-se que o direito ambiental é um direito de todos, é fundamental para a reflexão sobre o presente e as futuras gerações.

A apresentação do e-book busca agregar os capítulos de acordo com a afinidade dos temas. No volume I os conteúdos centram-se em pesquisas de análise do desenvolvimento, sustentabilidade e meio ambiente sob diferentes perspectivas teóricas. A sustentabilidade como uma perspectiva de desenvolvimento também é abordada no intuito de preservar este meio e minimizar os impactos causados ao meio ambiente devido ao excesso de consumo, motivo das crises ambientais. O desafio para a sociedade contemporânea é pensar em um desenvolvimento atrelado à sustentabilidade.

O volume II aborda temas como ecologia, educação ambiental, biodiversidade e o uso do solo. Compreendendo a educação como uma técnica que faz interface com a questão ambiental, e os direitos ambientais pertinentes ao meio ambiente em suas várias vertentes como aspectos econômicos, culturais e históricos.

Os capítulos apresentados pelos autores e autoras também demonstram a preocupação em compartilhar os conhecimentos e firmam o comprometimento com as pesquisas para trazer melhorias para a sociedade de modo geral, sendo esse o objetivo da obra.

Juliana Thaisa R. Pacheco
Juliana Yuri Kawanishi
Rafaelly do Nascimento

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A NECESSIDADE DA GESTÃO COM SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL PARA A BACIA HIDROGRÁFICA DOS RIOS GUAPIAÇU E MACACU - RJ	
Adacto Benedicto Ottoni Ana Carolina Silva Figueiredo Carina Freitas Martins de Almeida Ítalo Caldas Orlando Marianna de Souza Oliveira Ottoni	
DOI 10.22533/at.ed.5501911111	
CAPÍTULO 2	13
AVALIAÇÃO DE REVESTIMENTOS COMERCIAIS CERÂMICOS ATIVOS NA DEGRADAÇÃO DE BENZENO PARA CONTROLE DA POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA INTERNA DE EDIFÍCIOS	
Ricardo Crepaldi Guilherme Miola Titato Fernando Mauro Lanças Eduvaldo Paulo Sichieri Marcelo Telascrêa Marcia Rodrigues de Moraes Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.5501911112	
CAPÍTULO 3	25
PERFIL DE SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO APÍCOLA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DO PARÁ	
Antonio Sérgio Silva de Carvalho Alexandro Melo de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.5501911113	
CAPÍTULO 4	33
PRODUÇÃO DE PUFF COM GARRAFA PET	
Pâmela Cabbia de Oliveira Walter Yukio Ida	
DOI 10.22533/at.ed.5501911114	
CAPÍTULO 5	38
PASSIVOS AMBIENTAIS EM ÁREAS DE ASSENTAMENTOS RURAIS: O CASO DO ASSENTAMENTO ENGENHO UBÚ, GOIANA – PE	
José Fernandes dos Santos Filho Christianne Torres de Paiva José Paulo Feitosa de Oliveira Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.5501911115	
CAPÍTULO 6	49
OUTORGA DOS DIREITOS DE USO DE RECURSOS HÍDRICOS: INSTRUMENTO PARA O GERENCIAMENTO AMBIENTAL DAS ÁGUAS DE ABASTECIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	
Alzira Maria Ribeiro dos Reis Gilmar Wanzeller Siqueira	

Teresa Cristina Cardoso Alvares
Maria da Conceição Gonçalves Ferreira
Rafaela Reis da Costa
Jessyca Camilly Silva de Deus
Adnilson Igor Martins da Silva
Alda Lucia da Costa Camelo

DOI 10.22533/at.ed.5501911116

CAPÍTULO 7 62

A TEORIA DA RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA: DO PLANEJAMENTO À EXECUÇÃO
Schirley Costalonga

DOI 10.22533/at.ed.5501911117

CAPÍTULO 8 74

ASPECTOS ECOLÓGICOS DA RESTAURAÇÃO FLORESTAL
Schirley Costalonga

DOI 10.22533/at.ed.5501911118

CAPÍTULO 9 87

CRIAÇÃO DE CORREDORES ECOLÓGICOS URBANOS NA CIDADE DE
PETROLINA

Uldérico Rios Oliveira
Ivan André Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.5501911119

CAPÍTULO 10 100

IMPACTOS DO TROTE ECOLÓGICO IMPLANTADO NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, ENTRE 1990 A 1997: MEMÓRIA E
PERCEPÇÃO DE UM LEGADO

Maria da Conceição Gonçalves Ferreira
Gilmar Wanzeller Siqueira
Noemi Vianna Martins Leão
Teresa Cristina Cardoso Alvares
Alzira Maria Ribeiro dos Reis
Camila Ferreira dos Santos
Milena de Lima Wanzeller
Maria Alice do Socorro Lima Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.5501911110

CAPÍTULO 11 113

REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO NA BIBLIOTECA
DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

Ted Dal Coletto
Marcos Ricardo Rosa Georges

DOI 10.22533/at.ed.5501911111

CAPÍTULO 12 121

AMBIENTE DISCURSIVO EM UMA MÍDIA INFANTIL

Raiana Cunha de Figueiredo
Caroline Barroncas de Oliveira
Mônica de Oliveira Costa

DOI 10.22533/at.ed.5501911112

CAPÍTULO 13	134
EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A MELHORIA CONTÍNUA DO PLANO DE LOGÍSTICA SUSTENTÁVEL DA COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO	
Rosana Maria Vieira Cayres Mauro Silva Ruiz Simone Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.55019111113	
CAPÍTULO 14	149
EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUSTENTABILIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DO PRONERA	
Rodrigo Simão Camacho	
DOI 10.22533/at.ed.55019111114	
CAPÍTULO 15	163
PERCEPÇÃO DE SOLOS: EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE URUTAÍ – GO	
Ranyella de Oliveira Aguiar Alessandra Vieira da Silva Dalcimar Regina Batista Wengen Jamerson Fábio Silva Filho Mara Lúcia Cruz de Souza Letícia Rodrigues da Silva Lara Gonçalves de Souza Renata de Oliveira Dourado Jaberson Basilio de Melo Maria Carolina Teixeira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55019111115	
CAPÍTULO 16	175
BIODIVERSIDADE DE RIZOBACTÉRIAS EM <i>Schizolobium parahyba var. amazonicum</i> (HUBER EX DUCKE) BARNEBY COM POTECIAL BIOPROMOTOR	
Aline Chaves Alves Monyck Jeane dos Santos Lopes Ricardo Abraham Leite Oliva Ely Simone Cajueiro Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.55019111116	
CAPÍTULO 17	184
BIOMASSA MICROBIANA COMO INDICADOR DE QUALIDADE DO SOLO SOB DIFERENTES COBERTURAS VEGETAIS	
Luiz Alberto da Silva Rodrigues Pinto Sandra de Santana Lima Marcos Gervasio Pereira Melania Merlo Ziviani Shirlei Almeida Assunção Celeste Queiroz Rossi Cristiane Figueira da Silva Otavio Augusto Queiroz dos Santos Nivaldo Schultz	
DOI 10.22533/at.ed.55019111117	

CAPÍTULO 18 196

GOIABEIRAS COMUNS CONTRIBUEM PARA EXPANSÃO DA ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO DE *Bactrocera carambolae* NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Maria do Socorro Miranda de Sousa
Jonh Carlo Reis dos Santos
Cristiane Ramos de Jesus
Gilberto Ken-Iti Yokomizo
Ezequiel da Glória de Deus
José Francisco Pereira
Ricardo Adaime

DOI 10.22533/at.ed.55019111118

CAPÍTULO 19 207

MOSCAS-DAS-FRUTAS (*Diptera: Tephritidae*) OBTIDAS DE FRUTOS COMERCIALIZADOS NO MERCADO VER-O-PESO, EM BELÉM, PARÁ, BRASIL

Clara Angélica Corrêa Brandão
Maria do Socorro Miranda de Sousa
Carlos José Trindade Azevedo
Álvaro Remígio Ayres
Regina Lucia Sugayama
Ricardo Adaime

DOI 10.22533/at.ed.55019111119

CAPÍTULO 20 218

POTENCIAL ALELOPÁTICO DE *Plectranthus barbatus* ANDREWS NA GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE *Lactuca sativa* L. E DE *Bidens pilosa* L.

Luiz Augusto Salles das Neves
Kelen Haygert Lencina
Raquel Stefanello

DOI 10.22533/at.ed.55019111120

CAPÍTULO 21 227

POTENCIAL DA BIODIVERSIDADE MICROBIANA DE *Copaifera langsdorffii* DESF

Ricardo Abraham Leite Oliva
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Aline Chaves Alves
João Paulo Morais da Silva
Ely Simone Cajueiro Gurgel

DOI 10.22533/at.ed.55019111121

CAPÍTULO 22 236

POTENCIAL DA BIOMASSA DA BANANA COMO AGENTE MITIGATIVO DE IMPACTO AMBIENTAL

Diuly Bortoluzzi Falcone
Ana Carolina Kohlrausch Klinger
Guilherme Basso
Geni Salete Pinto de Toledo
Leila Picolli da Silva

DOI 10.22533/at.ed.55019111122

CAPÍTULO 23	242
SECAGEM SOLAR DE CASCA DE MARACUJÁ: UMA ALTERNATIVA AMBIENTAL E ECONOMICAMENTE VIÁVEL	
Sinthya Kelly Queiroz Moraes Álvaro Gustavo Ferreira Da Silva Dauany De Sousa Oliveira Fabricio Alves De Moraes Raissa Cristina Leandro Vítor Jocielys Jovelino Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.55019111123	
CAPÍTULO 24	251
TÉCNICA PARA ESTUDO DOS EFEITOS DE CLASSES TEXTURAIS DE SOLO E DE NÍVEIS DE UMIDADE SOBRE A PROFUNDIDADE DE PUPAÇÃO E VIABILIDADE PUPAL DE MOSCAS-DAS-FRUTAS	
Eric Joel Ferreira do Amaral Adriana Bariani Maria do Socorro Miranda de Sousa Ricardo Adaime da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55019111124	
CAPÍTULO 25	258
CU, ZN E MN NA ÁGUA E NO SOLO EM ÁREAS COM INTENSA ATIVIDADE SUINÍCOLA NO SUDESTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
Eliana Aparecida Cadoná Guilherme Wilbert Ferreira Marcos Leandro dos Santos Claudio Roberto Fonseca Sousa Soares Eduardo Lorensi de Souza Cledimar Rogério Lourenzi	
DOI 10.22533/at.ed.55019111125	
CAPÍTULO 26	271
ESTUDO DE CARVÃO ATIVADO ALTERNATIVO PARA REMEDIAÇÃO COM SOLOS CONTAMINADOS COM FIPRONIL	
Rafaela Lopes Rodrigues Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena André Augusto Gutierrez Fernandes Beati Luciane de Souza Oliveira Valentim Robson da Silva Rocha Chaiene Nataly Dias	
DOI 10.22533/at.ed.55019111126	
CAPÍTULO 27	276
ESTUDO DAS CONDICIONANTES AMBIENTAIS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	
Maria Lúcia Henriques Gomes Gilmar Wanzeller Siqueira Teresa Cristina Cardoso Alvares Maria Ivete Rissino Prestes Milena de Lima Wanzeller Maria Alice do Socorro Lima Siqueira	

Diego Figueiredo Teixeira

Jorge Emílio Henriques Gomes

DOI 10.22533/at.ed.55019111127

CAPÍTULO 28 290

REUTILIZAÇÃO DE AREIA DESCARTADA DE FUNDIÇÃO NA PRODUÇÃO DE BLOCOS DE CONCRETO ESTRUTURAL

Sueli Tavares de Melo Souza

Natalia Cristina Martini

Tatiana Vettori Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.55019111128

CAPÍTULO 29 300

DETERMINAÇÃO DE ELEMENTOS QUÍMICOS EM ÁGUAS NATURAIS DOS RIOS SERGIPE E COTINGUIBA POR ICP OES

Jéssica Kalliny Pereira dos Santos

Kayc Araujo Trindade

Nívia Raquel Oliveira Alencar

Erwin Henrique Menezes Schneider

Iasmine Louise de Almeida Dantas

Geisa Grazielle Coqueiro Rocha Pimentel

Hannah Uruga Oliveira

Silvânio Silvério Lopes da Costa

Adnivia Santos Costa Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.55019111129

CAPÍTULO 30 315

DESTINAÇÃO DOS RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL – UM ESTUDO DE CASO EM CAÇAMBAS ESTACIONÁRIAS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR

Hildner de Lima

Adriana da Silva Tronco Johann

Daliana Hisako Uemura Lima

Décio Lopes Cardoso

Dirceu Baumgartner

DOI 10.22533/at.ed.55019111130

CAPÍTULO 31 329

ANÁLISE DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS PRODUZIDOS POR LABORATÓRIOS DE PESQUISA E ENSINO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ICB) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

Teresa Cristina Cardoso Alvares

Gilmar Wanzeller Siqueira

Maria da Conceição Gonçalves Ferreira

Alzira Maria Ribeiro dos Reis

Maria Ivete Rissino Prestes

Murilo Augusto Alvares Batista

Milena de Lima Wanzeller

Maria Alice do Socorro Lima Siqueira

André Monteiro Pinto

DOI 10.22533/at.ed.55019111131

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 343

ÍNDICE REMISSIVO 344

AMBIENTE DISCURSIVO EM UMA MÍDIA INFANTIL

Raiana Cunha de Figueiredo

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Manaus – Amazonas

Caroline Barroncas de Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Manaus – Amazonas

Mônica de Oliveira Costa

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Manaus – Amazonas

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo problematizar modos de ver sobre ambiente(s) nos enunciados da trama do longa-metragem “Zootopia: Essa Cidade é o Bicho”, pela ótica das fronteiras dos Estudos Culturais e algumas ferramentas de Foucault. O que se pensa e o que se diz sobre ambiente em um filme infantil norteia a organização e a construção de saberes sobre essa temática nos processos educativos da escola. O filme elencado constrói uma trama discursiva que entrelaça representações de natureza e de alguns seres que nela habitam a gênero/sexualidade, raça, etnia/nacionalidade e padrões socioculturais. Desta forma, as mídias infantis têm se constituído em espaços educativos que ensinam uma série de aspectos, colocando em circulação e fixando determinadas identidades e padrões culturais, atuando na contemporaneidade como uma Pedagogia Cultural. Neste contexto, surge

a necessidade de analisar quais os tipos de Enunciados estão sendo construídos e, para isso, observamos as práticas discursivas e não-discursivas do ambiente da trama. Desta forma, o resultado obtido foi uma rede discursiva que revela ideia de como o Ambiente em forma de currículo produz uma infância para o discurso dominante do capital, esse movimento foi a partir da análise do discurso e dos Enunciados tendo o Ambiente como palco onde eles atuam podendo desenhar as linhas e contornos dos modelos de infância. Assim, há um modo aprimorado de produzir essa infância através da plasticidade dos enunciados, do Discurso produzidos pelo Currículo e vinculados ao Ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: ambiente. discurso. currículo pós-crítico.

DISCUSSION ENVIRONMENT IN A CHILD MEDIA

ABSTRACT: The present work has the objective to analyze ways of seeing about environment (s) in the statements of the plot of the feature film "Zootopia", from the perspective of the Cultural Studies frontiers and some tools of Foucault. What is thought and what is said about environment in a children's film guides the organization and construction of knowledge about this theme in the school's educational

processes. The cast film constructs a discursive plot that interweaves representations of nature and some beings that inhabit the genre / sexuality, race, ethnicity / nationality, and sociocultural patterns. In this way, children's media has been constituted in educational spaces that teach a bunch of aspects, putting in circulation and fixing certain cultural identities and patterns, acting in the contemporaneity as a Cultural Pedagogy. In this context, the need arises to analyze which types of statements are being constructed and, to do that, we observe the discursive and non-discursive practices of the plot environment. In this way, the result was a discursive network that reveals the idea of how the environment in the form of a curriculum produces a childhood for the dominant discourse of capital. This movement was based on the analysis of the discourse and the statements, having the environment as the stage where they act and can draw the lines and outlines of childhood models. Thus, there is an improved way to produce this childhood through the plasticity of the utterances, the Discourse produced by the Curriculum and linked to the Environment.

KEYWORDS: environment. speech. post-critical curriculum.

1 | INTRODUÇÃO

É muito comum ouvirmos os acadêmicos e/ou profissionais da área da educação reivindicando que se pense nas especificidades de Ambiente, Meio Ambiente, Educação Ambiental seja para os materiais didáticos, para os currículos, para as necessidades de alunos e professores, ou até mesmo para as características climáticas, econômicas, geográficas e tantas outras questões que se diz própria de discursos proferidos quando se relaciona com o Ambiente. Mas, percebemos que se continua afirmando a velha organização dos conhecimentos em uma estruturação que discute Ambiente articulado a ideia de Natureza, do que é natural.

A partir deste contexto é que nesse trabalho, objetivamos pensar/problematizar/questionar/reinventar sobre que Ambiente se pensa quando se assume a necessidade e importância de contemplar os ambientes midiáticos e os modos como vem sendo formatada e naturalizada um tipo de criança e infância, tornada lugar comum em tantos discursos. Apontamos como produtivo a investigação dos modos como os ambientes das mídias infantis valoriza alguns aspectos que de tanto serem repetidos sem nenhuma problematização tornam-se verdades absolutas e inquestionáveis. Vale ressaltar que

tratamos o ambiente como um produto de discursos e não como espaço/lugar perene em que os seres vivem, sempre em harmonia com tudo o que os cerca. Ambiente como objeto discursivo, muda de acordo com as condições históricas, culturais e sociais. Pois no discurso econômico o ambiente é sustentável; no discurso ambientalista ele é intocado; já para a política militar do governo brasileiro na década de 1950 era ocupável; nos relatos bíblicos era dominado; em culturas de povos da floresta era sagrado, mas e na atualidade, o que é ambiente? (OLIVEIRA, 2015, p.11).

Aquilo que chamamos ambiente é assim entendido como produto de discursos proferidos por diferentes instituições, que são produtoras de rituais que não falam de qualquer coisa, e nem de qualquer jeito, pois há regras que ensinam modos de ver e dizer o ambiente na atualidade, sendo que estas instituições proferem discursos nada desinteressados. No entanto, dentre as várias instituições que falam de ambiente hoje, recebem destaque nas mídias algumas que tem o foco em temas como: preservação, conservação e sustentabilidade do ambiente (OLIVEIRA, 2015; GARRÉ, 2015), esquecendo que ambiente está relacionado com fabricações tanto bióticas quanto abióticas, sociais e culturais. Estes enfoques vão sendo dispersos em vários formatos de mídias, no caso das crianças, as mídias infantis, especialmente, os filmes infantis.

Desta forma, visualizamos que não há somente um tipo de discurso ao qual tem formado as crianças, muito pelo contrário, é notório que nestas atrações midiáticas há um disciplinamento para que as práticas sociais sejam naturalizadas desde a tenra idade. É comum em nossos dias termos contato com discursos feministas, machistas, discursos de gênero, de posição da mulher na sociedade dentre outros em âmbito acadêmico, contudo, engana-se os que pensam que esse tipo de discurso é oriundo somente do mundo adulto, os filmes e programas apresentados são materialidades vivas que as coisas do mundo adulto são incluídas nos corpos desde a primeira infância. Com estas reflexões pensamos o quanto estes são importante artefato midiático que (re)produzem verdades sobre criança e, conseqüentemente, fabrica uma/algumas ideias de ambiente e infância.

Nesse contexto, a mídia desempenha importante papel na fabricação de subjetividades ao interpelar de forma insidiosa diferentes tipos de leitores através de textos verbais (ou não) e a partir deles determinar, prescrever, ensinar como os indivíduos devem se comportar (BASTOS & CHAVES, 2015, p. 91).

Isso nos faz problematizar, questionar, duvidar, suspeitar dos discursos que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos. Uma vez que, filmes infantis têm se constituído em espaços educativos que ensinam de forma prazerosa sobre uma série de aspectos, promovendo, colocando em circulação e fixando determinadas identidades e padrões culturais, ou seja, atuando na contemporaneidade como uma Pedagogia Cultural. Compreendemos Pedagogia Cultural, como nos esclarece Silva (1999) quando afirma que ao mesmo tempo que a “cultura é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural” (p.139).

Desta forma entendemos a mídia como currículo, e concordamos com Paraíso quando nos esclarece que currículo é um território múltiplo de todos os tipos, de disseminação de diversos saberes, de encontros e proliferação de vários sentidos. Pois,

é certo que um currículo é também território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações

(de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários), de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...). Isso tudo porque o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo (2010, p.588).

Assim, a pedagogia torna-se cultural e o cultural torna-se pedagógico, “e os processos escolares são comparáveis aos processos de sistemas culturais extraescolares” (WORTMANN, 2007, p.77). É neste entendimento que visualizamos a pedagogia exercida pelas mídias, especificamente, as dos filmes infantis sob as produções infantis, fabricando seus modos de ver e entender o ambiente.

2 | O AMBIENTE NAS MÍDIAS INFANTIS

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas (FOUCAULT, 2010, p.143).

Então de forma silenciosa e sistemática, o disciplinamento nos molda a partir dos discursos vigentes atuando na homogeneização da nossa maneira de pensar, ver e dizer o mundo, assim como atua de forma punitiva ao nos afastar para as margens caso não sigamos os padrões determinados. A mídia vem enquanto instituição propagadora desta naturalização de verdades fabricadas, sabemos que

da era da industrialização à era da informatização, muitas foram as transformações operadas e continuamente naturalizadas no nosso cotidiano. Fez-se natural e desejável que estas novidades fizessem parte de nossas vidas, modificassem nossas percepções e nossos parâmetros, redimensionassem nossos objetivos, relativizassem nossos saberes e verdades (ROCHA, 2005, p.20-21).

Procurando responder a indagação da pesquisa, foi verificada uma série de coisas, visto que o discurso é uma ferramenta social que impõe verdade aqueles que o ouvem como mencionado, a primeiro ponto que podemos constatar é que Foucault dá características para a existência e identificação desse discurso, nos valendo dessa certeza, buscamos obras que nos dissessem como esse discurso é formulado e transformado em prática pelo processo disciplinar.

Partimos então para essa jornada e podemos perceber que ao proferirmos a palavra discurso na ótica Foucaultiana nos é um fato verídico que este não surge do nada para o nada ele é uma construção, como se ele fosse uma personagem para uma peça de teatro ele é constituído de partes.

E destrinchando estas o cunho é: [...]que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem à instância a priori de um conhecimento; mas que

nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação. (FOUCAULT, 2008, p. 89) quando se visa entender algo tão complexo imagino como se dessecando um corpo e na imaginação de um corpo chamado Discurso entre seus órgãos vitais surge outra terminologia surge a pôr nome Enunciado.

Quando ouvimos essa palavra, logo, atrelamos a sua significação ao próprio discurso, contudo, Michel Foucault nos explica que: “[...]o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 97).

Ou seja, o auto demonstra que o Enunciado vai além de uma unidade do mesmo gênero de uma frase, proposição ou um ato de fala, todavia o mesmo diz que ele tem suas características:

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. Não é preciso procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada, mas tomada como as outras em um nexo lógico, gramatical ou locutório. (FOUCAULT, 2008, p. 98).

O Enunciado nessas classificações não cabe umas por ser muito grandes como uma prece que apresenta vários enunciados, outras por serem muito pequenas como uma frase, é por essa razão que não se deve procurar restringir a significância do Enunciado nessas unidades. Porém o que vem a ser então? Foucault em “Arqueologia do Saber” (2008) nos caracteriza o Enunciado:

[...]é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Então quando se trata de Enunciado, jamais este pode ser confundido com proposição, frase, proposição ou ato de fala e sim podemos dizer que é a condição de existência para que estas todas estas coisas ganhem vida, ou seja, o Enunciado vem, a ser a função de existência do discurso.

Com posse dessas informações podemos vislumbrar com maior clareza o discurso na sua construção, todavia, toda a formação tem um local onde o seu funcionamento pode ser visto, e onde vemos o agir do Discurso social? Na sociedade, claro, porém decidimos olhar via o ambiente.

Quando a temática ambiente entra nas rodas de conversas quer seja científicas ou no senso comum gera em torno de uma perspectiva natural, no senso comum isso não assusta, porém neste trabalho vemos o Ambiente de forma ampla, como

um lugar polissêmico e polifônico onde não somente os assuntos relacionados ao ecológico e a cor verde predominam e sim como um lugar também político e social.

Prosseguindo em conhecer o que é Discurso e como ele age, olhamos pelo prisma de uma grande peça de teatro, a onde o Enunciado é um dos Escritores, o Discurso é o protagonista, o disciplinamento é o diretor, Ambiente é o cenário a onde tudo acontece e nós somos os espectadores sentados e sendo “doutrinados” pelo o que acontece no palco.

Galgando a passos largos em nosso fazer teórico-metodológico descobrimos que de acordo com a época e de como a sociedade se apresenta o grande enredo discursivo se desenha de forma diferenciada, como se em cada época as suas engrenagens modificassem e novos tipos de funcionalidade e fluidez fossem agregadas ao processo, e se isso ocorre há uma expectativa, uma produção dicotômica do comportamento humano.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que há uma produção de ser humano para cada alvorecer social. A partir desse ponto chegamos à conclusão como mencionado que essa produção não começa no adulto o disciplinamento da prática social, se inicia na gênese. Então as indagações voltaram a se fazer presente e se unir com as que existiam acerca do tipo de criança que a sociedade moderna formara, como a mídia as formava e que novos desafios a escola atual têm de enfrentar.

Decidimos procurar entre as mídias uma que pudesse responder as questões e após assistirmos todas as atrações mencionadas entre desenhos, séries, filmes, novelas infantis, programas de televisão, vimos que para uma análise mais ampla o filme Zootopia que poderia abarcar os nossos conhecimentos e por esse motivo o título do projeto mencionado está como se apresenta.

Este é um filme de animação computadorizada, dos gêneros aventura e comédia, produzido pela Walt Disney Animation Studios dirigido por Byron Howard e Jared Bush. O filme conta a história de Judy Hopps, uma coelha com o sonho de se tornar policial na cidade de Zootopia, e da raposa Nick Wilde, que ganha a vida na base da trapaça. Que se unem para desvendar o caso policial que envolve a cidade.

Enfim, a escolha do filme se deu, pois, o longa-metragem nos dá com bastante propriedade respondermos as questões que nos propomos que são, uma vez que, com o resultado do primeiro trabalho revelou o indício que o midiático, o ambiente e os enunciados são fundamentais para que entendamos aquilo se quer formar e o que se ver a nível de infância. E para delimitarmos as perguntas respondidas indagamos, como os filmes infantis tratam sobre este produto de discursos e como este reflete nas fabricações de uma infância atual? Existe uma infância atual? Quais modos de ver as ideias de infância que os enunciados instituem nos ambientes dos filmes infantis, especificamente do filme Zootopia? Quais demarcações disciplinares constituem essa rede discursiva? E que verdades estão sendo determinadas e “naturalizadas” sobre estes modos de ver o ambiente e a infância revelada nestes enunciados discursivos?

Procurando sanar as nossas questões propostas no projeto, ao assistimos a

trama, observando-a com afinco, foram encontrados diversos enunciados, porém, pelo tempo de finalização do projeto, para este artigo trago dois enunciados representados na persona de dois dos personagens da trama demonstrados em duas redes discursivas, uma com a protagonista do filme Judy Hopps (a coelha) e com a antagonista Bellwether (a ovelha).

Judy Hopps é de uma cidade interiorana por nome *Bunny Burrow* que traduzindo é toca do coelho que carrega o sonho de quando se tornar adulta se mudar para grande metrópole Zootopia e ser policial investigativa da cidade. Contudo, como toda a sociedade tem o seu sistema social e sua divisão do trabalho devido ao discurso imperante, esbarra no quesito de que biologicamente não poderia exercer o cargo e lutar por ele por ser presa e no dizer daquela sociedade um ser fragilizado.

Como comprovação é que logo no início do filme, no qual começa com uma peça de teatro aonde no fim da representação o desfecho é que você pode ser o que quiser, logo, após parece uma cena na qual os pais de Judy conversam com ela sobre esse sonho com o cunho de faze-la mudar de ideia:

Stu Hopps: - *Judy, já pensou em porque eu e sua mãe somos tão felizes?*

Judy Hopps (criança): - *Não.*

Stu Hopps: - Bom, abrimos mão dos sonhos e relaxamos, não e Bonnie!?

Bonnie Hopps: Isso mesmo Stu, relaxamos muito.

Stu Hopps: Viu essa é a beleza da tranquilidade Judy, se não tentar nada novo não vai falhar.

Judy Hopps (criança): Mas eu adoro tentar...

Bonnie Hopps: O que seu pai está dizendo é que pode ser difícil, impossível até se tornar uma policial coelha...

Stu Hopps: É que nunca existiu policial coelho...

Bonnie Hopps: Não...

Stu Hopps: Coelho não faz isso...

Bonnie Hopps: Nunca...

Judy Hopps (criança): oh...

Stu Hopps: nunca!

Judy Hopps (criança): Ah.... Então eu terei que ser a primeira, porque eu ainda vou fazer do mundo um lugar melhor!

Stu Hopps: Hahaha... derrepente se você quer mesmo melhorar o mundo, nada melhor do que ser uma plantadora de cenouras. (ZOOTOPIA, 2017)

Desta cena podemos tirar a primeira analogia, em virtude do diálogo apresentado a preocupação dos pais de Judy para que ela não se decepcione, todavia, por trás desse discurso preocupado surge uma palavra muito usada no processo disciplinar chamada de normatização que nada mais é do que uma ferramenta do disciplinamento da formação do corpo dócil de que o indivíduo que passa por esse processo se acostuma e se contenta com o que já é e vive bem com aquilo.

Sabendo que seria quase impossível de sua filha ser policial, os pais tentaram enaltecer o que faziam para que ela mudasse o seu foco e fizesse e escolhesse a profissão da família que é a de plantadores de cenoura, no entanto a sua resposta é

que se não tem policial coelha ela terá de ser a primeira.

Isso no reporta ao nosso primeiro enunciado por nome “Criança Sonhadora” que nada mais é do que o sujeito criança que conhece a sua realidade e as limitações que ela lhe traz, porém, isso não se torna obstáculo para que ela corra atrás daquilo que deseja e sim um incentivo para que chegue dentro do processo legal onde deseja, é que nem nos chegarmos hoje para um menino do subúrbio e perguntarmos: *O que você quer ser quando crescer?* E ele responder: *Juiz*. E vinte anos depois visitarmos um Joaquim Barbosa presidente do supremo¹ e assim acontece com Judy que corre atrás do seu sonho.

Olhando a dispersão desse enunciado vejo em 1913 um livro por nome “Poliana” da autora Eleonor H. Potter que conta a história de uma menina de caráter cristão chamada Poliana com sonhos de uma vida melhor, contudo quando não chega é ensinada a ser agradecida a tudo o que tem mesmo que não seja o ideal, quando com a morte dos pais descobre de que tem uma tia rica e vai morar com ela e muda tanto a sua trajetória de vida quanto a da sua tia e de quem vive em volta dela.

As paridades entre Poliana e Judy não param somente na defesa e na procura de realizar os seus sonhos tendo em vista mudar a sua realidade, entra também o fato da tentativa de conformidade com a realidade (normatização) falada mais cedo, tanto os pais de Judy quanto os de Poliana, tentam fazer esse procedimento, porém de formas diferentes, os pais da protagonista de Zootopia fazem o processo de conversa tentando convencer que a vida de plantador de cenoura é o melhor caminho para a personagem, já em Poliana, pelas condições de pobreza que os pais da menina viviam o pai por não poder proporcionar uma vida com o mínimo de conforto, ensina a menina a um jogo por nome “jogo do contente” onde a única regra é tirar o lado bom de cada situação ruim, ou seja, já que ele não pode dar o que deseja ou até mesmo o aceitável que ela seja “grata” para não dizer conformada a tudo o que tem.

Olhando para essas duas materialidades vejo descrito as personagens na música “Lua de Cristal de 1990, escrita por Michael Sullivan e Paulo Massadas, esta música foi criada para trilha sonora do filme infantil com o mesmo título onde diz a letra: “Tudo pode ser, se quiser será/ O sonho sempre vem pra quem sonhar /Tudo pode ser, só basta acreditar/Tudo que tiver que ser, será Tudo que eu fizer Eu vou tentar melhor do que já fiz Esteja o meu destino onde estiver Eu vou buscar a sorte e ser feliz”. As duas personas têm um sonho e o perseguem, porém, esse sonho não é qualquer um, é um sonho formado antes mesmo que elas pudessem sonha-lo.

Quando dissemos essas palavras é com base no Foucault defende da pré-formação do discurso conforme a sociedade presente com o intuito de defesa do discurso verdade, essa dispersão histórica nada mais é a prova de que a trama social é plástica para que as coisas funcionem e permaneçam como são, ou seja, o enunciado do sonho sempre foi produzido. Porém conforme a história ressignificada, pela cultura existente, podemos aqui dizer que a tese marxista de que a histórico

1 Expresidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ)

dialética é responsável por perpassar o discurso Hegemônico e que ele continua sendo como é, é errôneo, uma vez que, ao analisar essas mídias podemos perceber que o discurso verdade para se manter como é, ele se ressignifica nos enunciados para que continue se mostrando e comandando que é o que deseja.

E como a criança sonhadora é vista hoje? Para responder essa pergunta trago junto ao filme, a novela passada no SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) “As Aventuras de Poliana” e a música “Jogo do Contente”.

A novela *TEEM* do SBT é uma releitura do livro de Eleonor H. Potter que retrata a vida de Poliana nessa atração a mesma é filha de artistas circenses itinerantes que tem um estilo de vida com restrições por causa da vida que os pais levam e que com a perda deles vai morar com os parentes da mãe que são ricos, como a história do livro.

Poliana a novela agrega elementos da vida cotidiana do século XXI como, roupas, aparelhos tecnológicos (celulares, tabletes e computadores), as comunicações sociais (redes sociais) e fala de problemáticas do nosso tempo com *Bullying* mostrando a plasticidade que há no enunciado, pois, lendo o livro que é de 1913, a protagonista é descrita como alguém submissa, que somente aceita tudo o que lhe impõe, sempre obediente, que não retruca nada porque joga o jogo que seu pai ensinou.

A nova Poliana descrita na novela, tem plena consciência do que passa a sua volta e que joga o “jogo do contente” para não se aborrecer com as situações. Analisando o contexto histórico Americano em 1913 antes da primeira guerra que começaria em 1914 os EUA² viviam uma acessão muito grande e com a guerra isso se intensificou, então a “Poliana” de Eleonor H. Potter é uma cidadã americana que viveu na dita era de ouro do discurso capitalista e no sucesso do neoliberalismo, a onde o sonho americano é marca registrada ao qual defende que você pode ser tudo o que quiser alguma paridade com o grande Enunciado de Zootopia? Todas, uma vez que, nele diz que depende do nós “aproveitarmos” e agarrarmos as oportunidades que o sistema nos oferece, porém, quando não há temos para que não caia em desuso ou seja contestado ele nos normatiza dizendo que temos de ser agradecidos por tudo o que temos, ou que, o nosso papel como plantar cenouras no caso de Judy, ou ser filha de artista circenses mesmo cada um tendo suas dificuldades como Poliana, essas difundidas pela manutenção de um discurso produtor de segregação.

Respondendo à pergunta de como a criança Sonhadora é difundida hoje, ela é vista como uma inocência pueril advinda de uma vida interiorana, tanto em *As Aventuras de Poliana* quanto em *Zootopia* as duas com os seus sonhos são do interior, vendendo aquela imagem do caipira inocente, trazendo a memória o gibi do Chico Bento de Maurício de Souza, no qual vincula a mesma imagem de um menino simples e cheio de sonhos, e os três tem o seu ideal realizado quando tem contato com a cidade, Judy quando vai para Zootopia, Poliana ao morar com a tia e Chico Bento ao ir passear na cidade.

Até o ECA (Estatuto da criança e do adolescente) descreve a criança neste

2 Estados Unidos da América.

aspecto quando diz: “ART. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.” (BRASIL, 2017, p. 20). Ao tratar de desenvolvimento sadio e harmonioso o ECA nada mais descreve o ambiente da criança sonhadora que é o ideal a ser formado no nosso tempo, já que, somos motivados pelo sonho de sermos melhores do que somos.

O segundo que chamo para discussão é o Enunciado da “Criança com Desvio de Conduta” a vice-prefeita da cidade Bellwether (a ovelha). Sem tocarmos nas imagens atreladas aos enunciados das personagens por enquanto, vamos nos ater as características desse enunciado e sua dispersão.

Ao procurar a dispersão desse enunciado, percebemos que o papel da vilã ao olharmos de perto é muito forte, uma vez que, no longa ela é quem está por detrás da trama principal, é ela que maquina toda a constituição social da cidade ao seu bel prazer.

Imergindo em encontrar enunciados para dispersão enunciativa chegamos a nomenclatura “Criança com Desvio de Conduta” pesquisando e lendo a materialidade contida no livro da Dr^a Ana Beatriz Silva, que deixa claro que essa nomenclatura é um diagnóstico preconizador da psicopatia.

Vamos esclarecer certos pontos, primeiro a psicopatia diferente do que todos pensam não é uma doença, e sim, um modo de ver e ser, um tipo de personalidade onde a criança nasce com uma tendência a perversidade e o outro para a mesma não significa nada, no qual é só um instrumento para que ela tenha três coisas: diversão, status e poder. Quando a criança é percebida com esse tipo de conduta ela é nomeada com o escrito acima, pois, tanto no Brasil como em outros países o diagnóstico de psicopata só pode ser fechado acima dos 18 anos, quando se pensa que a personalidade é formada.

Contudo, qual a característica enunciativa? É que essa ideia da infância constitui do sujeito que conhece a realidade social, ou melhor, que a cerca e faz uso dela ao seu bel prazer sem considerar o outro. Então analisando a antagonista do filme ela o faz de forma perversa, querendo as três coisas acima mencionadas.

Por ela não ter o respeito requerido, e sabendo que apesar de todo o discurso da cidade, ela se aproveita do medo do biológico que ainda persiste das presas pelos predadores e trama quase que uma ditadura a onde todos viveriam com medo e ela os comandaria por esse viés, se escondendo atrás de uma faceta inocente e acima de qualquer suspeita e descobre uma droga por nome popular os "uivantes" que fazem com que quem tenha contato com elas volte a ceder aos seus extintos pré-históricos para com que tome o poder.

Sabendo que o prefeito Leãoardo está escondendo as vítimas da droga e atrapalhando os seus planos, faz com que uma presa (Judy Hopps) que apesar de ter estudado e saber que os predadores não têm mais o extinto de se alimentar

das presas, entretanto, acredita que elas podem voltar a ser violentos, entre no DPZ (Departamento de Polícia de Zootopia) e fazendo com que entre no caso dos desaparecimentos e “descubra” o que quer e associe a violência ao predadores e assim instaure o caos e é isso que acontece.

Ela orchestra tudo sem ninguém saiba e quando ela mostra a sua real faceta, ao descobrirem tudo ela propõe uma desculpa dizendo que o visa o bem maior, contudo, o seu objetivo é comandar e descartar quem não serve, tirar do caminho quem atrapalha os seus desejos e fazer de degrau aqueles que sevem para que consiga o que deseja.

Encontramos esse perfil também em Billy and Mandy mais precisamente na personagem Mandy que se aproveita do sentimento de amizade de Puro Osso o ceifador e de Billy seu amigo, em busca que os dois se curvem a sua vontade sem expressar o sentimento recíproco que eles têm por ela.

Podemos ressaltar também o livro “Precisamos Falar de Kevin” (2003) uma criança com desvio de conduta que cresce cometendo pequenos crimes inclusive jogar ácido em um dos olhos da irmã para que ela usasse o olho de vidro.

Hoje a Criança com Desvio de Conduta é vista como um despertar de uma ambiente ligado a marginalidade, prova disso é a serie norte americana passada no Brasil chamada Tratamento de Choque exibida pelo canal fechado A&E que mostra crianças com esse tipo de enunciado que passam um dia na cadeia sendo que o preponderante para a melhora é o medo, porque se sabe que nem toda a criança com desvio de conduta será um psicopata até porque no mundo somente 1% apresenta desvio de conduta e uma tendência a perversidade, e dessa porcentagem menos de 5% tornam-se assassinos.(SUPERINTERESSANTE, 2011)

A partir desta análise, podemos perceber que proferindo a ideia de que ambiente está somente atrelada ao natural, sem considerar a perspectiva multidimensional e integradora de ambiente, que entrelaça os elementos bióticos, abióticos e socioculturais. A adultização, sensualização, violência, padronização social relacionada a gênero e ideia de criança sonhadora são fabricações midiáticas que disciplinam corpos infantis, pois a docilização é uma ferramenta que se utiliza de diversas formas de acordo com o tempo e espaço que opera.

Nós professores, enquanto sujeitos discursivos, temos que ter clareza que “há momentos na vida em que a questão de saber se podemos pensar diferentemente do que pensamos, e perceber diferentemente do que vemos, é absolutamente necessária se quisermos continuar de algum modo a olhar e refletir” (FOUCAULT, 2008, p.08). Diante esta afirmativa, a mídia infantil analisada nos proporcionou novos modos de ver e sentir nossas relações sociais, culturais e naturais. Mas, para isso, devemos ter um olhar diferenciado ao analisarmos os enunciados elucidativos nos ambientes midiáticos infantis, tal como Fischer nos indica.

[...] gostaria de imaginar a possibilidade de operar com os materiais midiáticos, nos

espaços escolares, para além dos conhecidos exercícios de crítica reducionista aos meios de comunicação, que parece restringir-se majoritariamente a “desvelar” as intencionalidades das emissoras de televisão, dos produtores e diretores de cinema, identificando ideologias, manipulações e distorções da “realidade”. Ao meu ver, esse parece ser o caminho mais fácil, o já trilhado, aquele em que não arriscamos descrever a complexidade dos processos comunicacionais. Apostar que há um emaranhado rico de práticas, envolvendo toda uma tecnologia de produção de imagens, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais, é apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea. Significa também arriscar a pensar que há um sem-número de materiais audiovisuais, do cinema, do vídeo e da televisão, em que as escolhas éticas e estéticas dos criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo não fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta, disponível a um criativo gesto educacional (FISCHER, 2007, p. 297-298).

Assim, essas são apenas algumas nuances de um currículo que colabora com a formação da criança consumidora, sensualizada, violenta, padronizada a questão de gênero, moralista e reacionário. Enquanto a escola age de maneira objetiva e impositiva, a mídia conquista eficácia através de uma ação pedagógica disfarçada de lazer. Diante da TV, crianças e adultos não se dão conta de que estão participando de um processo formador. Nesse sentido, precisa-se de pesquisas educacionais que se proponham a esclarecer essas pedagogias para que a escola e a família possam se posicionar com coerência crítica e atualização didática diante do contexto cultural da atualidade.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, S, N. D.; CHAVES, S. N. O que é Ser-Biólogo? Com a Palavra o Facebook. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.8, n.2, p.89-106, 2015.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA** _ Estatuto da Criança e do Adolescente.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na tv. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586, jan. 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Bras. Educ.** [online]. vol.12, n.35, 2007. pp.290-299.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GARRÉ, Bárbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: Modos de Constituir-se Sujeito na Revista Veja**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande. 2015.
- KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais....** 2003. 195f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- OLIVEIRA, Albaneide Cavalcante. **O QUE É AMBIENTE HOJE? Quando as imagens fabricam os enunciados imagéticos**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Instituto de

Educação em Matemática e Científica – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, maio/ago. 2010.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia: nada fora do controle**. Porto Alegre : UFRGS, 2005.

SILVA, T., Tadeu da. **Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia 25, 26, 31, 100, 103, 104, 108, 111, 112, 175, 177, 183, 196, 198, 202, 203, 204, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 227, 230, 235, 276, 329

Anastrepha 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 251, 257

Apicultura 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Arborização urbana 87, 96, 97, 98

Atributos de ecossistemas 74, 84

C

Cerâmica ativa 13, 14, 16, 18, 19, 20, 23

Ceratitis 197, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 217, 251

Conscientização 28, 33, 72, 102, 137, 142, 163, 166, 173, 334, 339

Conservação 28, 31, 38, 42, 47, 62, 65, 73, 75, 85, 86, 88, 89, 97, 99, 113, 123, 142, 164, 165, 172, 173, 174, 176, 185, 232, 233, 278

Controle de poluição do ar 14

Criatividade 33, 166

Currículo pós-crítico 121

D

Degradação de bacias hidrográficas 2

Discurso 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

E

Ecologia da restauração 69, 73, 74, 75, 86

Ecologia urbana 87

Edifícios sustentáveis 14

Educação ambiental 47, 111, 134, 138, 140, 145, 146, 147, 148, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 329, 330, 341

Educação de solos 163

Educação do campo 149, 161, 162

Espaços verdes 87, 88, 91, 92

F

Filtros ambientais 74, 81, 82

Fotocatálise 14, 15, 16, 20, 22

Fruto hospedeiro 207, 251

G

Geotecnologias 87

Gestão ambiental 38, 40, 41, 46, 148, 330, 339, 342

I

Impactos ambientais 38, 46, 135, 165, 237, 292, 316, 326, 332, 336

Indicadores ecológicos 62, 71

Infestação 196, 198, 199, 206, 207, 210, 211, 214, 217

M

Manejo do solo 185, 186

Matéria orgânica 68, 70, 81, 82, 168, 171, 177, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 195, 233, 260, 262, 265, 267, 268, 306, 309

Monitoramento 55, 62, 63, 64, 71, 72, 83, 144, 204, 215, 301, 310, 313, 317, 318

Mosca-da-carambola 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 213, 215, 257

P

Paricá 175, 176, 177, 179, 182, 183

Planejamento da restauração 62

Preservação ambiental 100, 163, 176, 177, 182

Pronera 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162

Protótipo 33, 34, 35, 244

Psidium guajava 196, 197, 202, 210, 211, 212, 216, 217

R

Recarga artificial de água subterrânea 1, 2, 7, 11

Reflorestamento 1, 8, 9, 11, 12, 30, 32, 75, 100, 176, 177

Rizobactérias 175, 176, 177, 179, 180, 182, 227, 232, 233, 234

S

Sucessão ecológica 67, 74, 75, 76, 79

Sustentabilidade ambiental 1, 2, 3, 9

T

Trote ecológico 103

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-755-0



9 788572 477550